

As construções comparativas assimilativas com *tipo e igual* à luz da gramática de construções baseada no uso

Heloise Vasconcellos Gomes Thompson^a

Resumo

Este artigo busca descrever e analisar uma das possibilidades de materialização do processo cognitivo da comparação: a construção comparativa assimilativa (CCA), especialmente quando instanciada pelos conectores tipo e igual, no Português do Brasil, com base nos estudos de Thompson (2019). O aporte teórico central desta investigação baseia-se nos preceitos da Gramática de Construções Baseada no Uso (GOLDBERG, 1995, 2006; DIESSEL, 2015), modelo teórico que tem como premissa básica a ideia de que a experiência de uso da língua afeta suas representações cognitivas. Para fins de descrição semântica, recorreremos, também, à Semântica de Frames. Como fonte para nossa coleta de dados de usos linguísticos reais, utilizamos três diferentes corpora: o Corpus Oral Brasil, o Corpus Brasileiro e o Corpus do Português. Nossa análise evidenciou que as CCA instanciadas pelos conectores tipo e igual verdadeiramente constituem casos de materialização do processo de comparação. Além disso, manifestam-se no nível sintagmático, sentencial e intersentencial, contrariando a descrição dos estudos tradicionais em geral.

Palavras-chave: Construções comparativas assimilativas. Tipo. Igual. Gramática de Construções Baseada no Uso.

Recebido em: 26/02/2020

Aceito em: 01/05/2020

^a Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. Contato: heloisethompson@gmail.com.

Introdução

A noção de comparação faz-se fortemente presente no uso das línguas em geral. Isso ocorre por ser a comparação um processo cognitivo de domínio geral, ou seja, uma habilidade inerente ao ser humano, que faz uso dela para compreender e descrever os elementos presentes em seu universo e, conseqüentemente, materializa esses usos linguisticamente.

Este artigo terá como enfoque uma das possibilidades de materialização linguística do processo de comparação no Português do Brasil (PB): as construções comparativas assimilativas. Forneceremos, especificamente, breve descrição e análise das construções comparativas assimilativas instanciadas pelos conectores *tipo* e *igual*, no PB, com base nos resultados obtidos por Thompson (2019). Buscaremos evidenciar que os usos das referidas construções vão além do que costumeiramente é apresentado como estruturas de comparação assimilativa em compêndios gramaticais em geral.

A forma assimilativa para as construções comparativas é aquela em que, ao apresentar a relação entre duas entidades e evidenciar semelhança entre elas, há, no âmbito formal, o uso de um único elemento conector, sem haver, portanto, manifestação de correlação. Desse modo, quando assim configuradas, as construções apresentam a relação de comparação evidenciada por uma palavra ou sequência de palavras acessadas como uma unidade simples e que funcionam como elemento conector.

Observemos os exemplos a seguir:

(a) O néctar, em **[flores tipo disco]**, geralmente fica exposto, sendo de fácil acesso para muitos insetos como moscas, abelhas e vespas, entre outros.¹ (SARDINHA; MOREIRA; ALAMBERT, 2010)

(b) Edmundo exhibe no rosto a expressão de sofrimento... de quem teve contusão grave, o que não se confirmou. Edmundo se diz “marido traído”. Mário Moreira da Reportagem Local\\ **[Estou igual a marido traído]**: sou o último a saber.² (SARDINHA; MOREIRA; ALAMBERT, 2010)

No exemplo (a), os termos “flores” e “disco” foram postos em cotejo, ressaltando a relação que partilham entre si. As “flores de disco” são aquelas formadas na porção central do capítulo³. Desse modo, podemos notar a existência de uma relação direta, no mundo real, entre “flores” e “disco” e, no cotexto⁴ em questão, essa relação é reforçada formalmente

¹ Esclarecemos que optamos por manter o registro transcrito de todos os exemplos exatamente como apresentado no contexto original, com exceção dos grifos, que são de nossa autoria. Dessa forma, indicaremos com “sic” todas as ocorrências que apresentarem algum desvio quanto à norma culta do Português do Brasil.

² O trecho utilizado como exemplo foi reproduzido da mesma forma que se apresentou no *corpus* utilizado; portanto, podem ser identificadas algumas inadequações formais na estruturação das frases.

³ Denomina-se capítulo um sistema de ramos que possui flores dispostas num receptáculo arredondado, como é o caso das margaridas e do girassol.

⁴ Neste trabalho, diferenciamos “cotexto” de “contexto”, utilizando o primeiro termo para nos referir a aspectos estritamente linguísticos e o segundo, para aspectos extralinguísticos.

por meio do conector *tipo*, sem que haja correlação com algum outro elemento conector.

Em (b), por sua vez, Edmundo compara-se a um “marido traído”. A propriedade partilhada entre os elementos em cotejo é o fato de ambos serem os últimos a saberem de algo, especificada pelo aposto inserido logo após a comparação. Além disso, podemos identificar o uso do conector *igual* evidenciando essa relação entre as entidades em cotejo.

Nos dois exemplos, constata-se a existência de dois elementos em cotejo que partilham entre si dada(s) propriedade(s). Quanto aos aspectos formais das estruturas explicitadas em (a) e (b), é possível perceber que, a fim de veicular um conteúdo comparativo, o indivíduo faz uso de construções que se configuram nos moldes do padrão abstrato [X conector comparativo assimilativo Y], em que X corresponde à entidade 1, Y, à entidade 2, e o conector comparativo corresponde a qualquer elemento que possa ligar as entidades e, simultaneamente, veicular o conteúdo de comparação.

Outro ponto interessante de observarmos é o fato de, nos dois exemplos elucidados, a comparação não ocorrer no âmbito do período composto, costumeiramente associado à ocorrência das construções comparativas em estudos de cunho tradicional. Em (a), a relação de comparação dá-se entre elementos constituintes de um sintagma nominal. Em (b), a comparação é realizada entre constituintes de uma sentença simples, sendo eles o sujeito e o predicativo.

Considerando essa breve análise dos exemplos apresentados, podemos perceber que, à luz da Gramática de Construções Baseada no uso (GCBU), abordada e descrita por autores como Goldberg (2006), Bybee (2013), Diessel (2015), ainda há muito a se investigar acerca das construções comparativas. Acreditamos que os dados a serem apresentados neste artigo, retirados de três corpora do PB – *Corpus Oral Brasil*⁵, *Corpus Brasileiro*⁶ e *Corpus do Português/Web-Dial*⁷ –, refletem as representações cognitivas que os falantes brasileiros têm armazenadas mentalmente para a veiculação da relação de comparação. Dessa forma, por meio dessa análise, poderemos compreender, de maneira mais precisa, a estruturação e o funcionamento do sistema da língua, especialmente no que tange à relação de comparação.

⁵ Cf. RASO, T; MELLO, H. (Org.) *C-ORAL-BRASIL: Corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. Disponível em: <https://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=CORALBRASIL>. Acesso em 12 de agosto de 2020.

⁶ Cf. BERBER SARDINHA, T. B.; MOREIRA FILHO, J. L.; ALAMBERT, E. *Corpus Brasileiro*. São Paulo: CEPRI, LAEL, CNPq, Fapesp, PUCSP. 2010. Disponível em: <http://corpusbrasileiro.pucsp.br/cb/Acesso.html>. Acesso em 12 de agosto de 2020.

⁷ Cf. DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português: web/dialects*. [S. l.: s. n], 2006. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/>. Acesso em: 20 de agosto de 2020.

Construção comparativa assimilativa: materialização de um processo cognitivo de domínio geral

De acordo com a GCBU (conferir BYBEE, 2010; GOLDBERG, 2006; LANGACKER, 1987; 1991; entre outros), as estruturas linguísticas são motivadas por processos cognitivos de domínio geral. Nesse sentido, é possível compreendermos que as construções comparativas são materializações do processo de comparação que, constituindo-se como processo cognitivo de domínio geral, se mostra operante em diversas áreas da cognição humana e não somente na linguagem.

Langacker (1987, p. 101)⁸ defende que

a habilidade de comparar dois eventos é generalizada e onipresente: atos de comparação ocorrem continuamente em todos os domínios cognitivos ativos e em vários níveis de abstração e complexidade; mais ainda, independentemente de domínio e nível, eles são manifestações da mesma capacidade básica.

Nessa linha de pensamento, em sua proposta, Langacker (1987, p. 101) afirma que comparar dois eventos, A e B, constitui um evento mental distinto, mas não independente, de A e B. Imaginemos, então, que temos acesso a um evento A e, posteriormente, a um evento B. Ao analisarmos B em relação a A, estabelecemos A como padrão de comparação (S)⁹ e B como alvo (T)¹⁰. O evento A serve, então, como ponto de referência em relação ao qual B será avaliado. Podemos esquematizar esse processo da seguinte forma:

Esquema 1. Esquematização geral do processo cognitivo de comparação

$$S_A > T_B$$

Fonte: Thompson, 2019, p 80.

No Esquema 1, temos os três componentes funcionais necessários para o estabelecimento de qualquer comparação. (S_A) representa o evento A, que serve de padrão para a comparação. (T_B) representa o evento B, que constitui o alvo da

⁸ Langacker (1987, p. 101): "this ability to compare two events is both generalized and ubiquitous: acts of comparison continually occur in all active cognitive domains, and at various levels of abstraction and complexity; regardless of domain and level, moreover, they are manifestations of the same basic capacity".

⁹ O (S) corresponde, na notação de Langacker (1987), a *standard*, que, traduzido, significa "padrão".

¹⁰ (T) corresponde a *target*, que quer dizer "alvo".

comparação. O símbolo (>) representa a operação de verificação de discrepância.

Partindo da discussão empreendida por Langacker (1987), podemos compreender que, para ocorrer comparação, é necessário haver dois eventos colocados em relação um com o outro para verificação de discrepância, ou seja, verificação do que há de semelhante ou não entre esses eventos. Essa relação, no entanto, é assimétrica, visto que um dos eventos é tomado como o padrão e o outro é avaliado em relação a esse padrão.

Assim como ocorre em situações cotidianas, como quando tentamos montar um quebra-cabeça e relacionamos suas partes correspondentes para encaixá-las, a comparação também se manifesta no nível linguístico. Isso significa que é possível identificarmos estruturas linguísticas que materializam a relação de comparação e, conseqüentemente, apresentam as propriedades básicas desse processo cognitivo.

Sendo assim, por apresentarem os requisitos básicos à aplicação do processo de comparação, podemos afirmar que as construções comparativas assimilativas com *tipo* e *igual*, estruturas em foco neste artigo, constituem um caso de materialização linguística desse processo. Observemos os exemplos a seguir:

(c) Eu, quando eu ligo pa reclamar alguma coisa, eu falo assim, olha, eu sei que cê n tem nada a ver com isso, que __UNDEF__¹¹ [é uma cidadã como eu], que deve passar raiva do mesmo jeito, mas com quem que eu vou conversar. (sic) (RASO; MELLO, 2012)

(d) Pessoal essa musica pra mim é muito intrigante, assim como muitos é de um alto teor sexual, tb vejo a personagem como prostituta que morreu e ninguem sabia de seu passado, porém [o narrador, na minha cabeça é tipo um cafetão], e está desmascarando a ideia que muitos tinha dela. (sic) (DAVIES; FERREIRA, 2006)

(e) O Surfista tem esse nome porque, em vez de viajar numa nave, ele vai de planeta para planeta sobre [uma prancha igual as que os surfistas usam nas praias]. (SARDINHA; MOREIRA; ALAMBERT, 2010)

¹¹ O termo “_UNDEF_” indica que não foi possível identificar, na escuta da gravação, o que foi falado.

Podemos dizer que, em (c), estamos diante de um exemplo de construção comparativa, visto que há dois elementos em cotejo, quais sejam o referente do sujeito e a própria locutora

(eu). O primeiro elemento da comparação, o referente do sujeito, constitui o alvo da comparação, enquanto o segundo elemento consiste no padrão da comparação. Nesse contexto, compreendemos que as entidades cotejadas partilham como propriedade semelhante o fato de serem cidadãos. O item que liga essas duas entidades é o conector *como*, considerado por muitos gramáticos o conector prototípico das estruturas comparativas (conferir RODRIGUES, 2001; LIMA-HERNANDES, 2005).

Apesar de nem sempre serem reconhecidos como construções comparativas, os exemplos (d) e (e) contemplam estruturas bastante similares àquela presente em (c). O exemplo (d) apresenta uma comparação entre o narrador da canção sendo comentada na postagem e um cafetão. Nesse caso, o narrador é o alvo da comparação e o cafetão é o padrão de comparação. Por não termos acesso ao texto completo, torna-se difícil apontar com precisão a propriedade supostamente partilhada pelos elementos; no entanto, a relação de comparação se manifesta e o conector que reforça essa relação é o item *tipo*.

Em (e), temos como alvo da comparação a prancha usada pelo personagem Surfista — provavelmente se trata do Surfista Prateado, personagem das histórias em quadrinhos da *Marvel Comics* — e, como padrão de comparação, as pranchas dos surfistas comuns. Ao que tudo indica, a propriedade partilhada entre os elementos da comparação é o formato das pranchas em questão, que, embora sejam utilizadas em circunstâncias distintas, apresentam forma muito semelhante. O conector que evidencia a relação de comparação na estrutura apresentada é *igual*.

Os três exemplos comentados apresentam estruturas comparativas que se dão nos moldes do padrão abstrato [X conector comparativo assimilativo Y], com vistas a cotejar dois elementos que partilham alguma(s) propriedade(s) entre si, constituindo um pareamento forma-significado, ou seja, uma construção (conferir GOLDBERG, 2006). Nesse padrão abstrato, X corresponde ao elemento-alvo da comparação e Y equivale ao elemento-padrão da comparação. O elemento conector evidencia a operação de verificação de discrepância entre os eventos relacionados.

Essa breve descrição permite-nos dizer que as estruturas presentes em (c), (d) e (e) consistem em casos de construções

comparativas legítimas, pois preenchem todos os requisitos formais e semânticos necessários para que sejam identificadas como materializações do processo cognitivo de comparação.

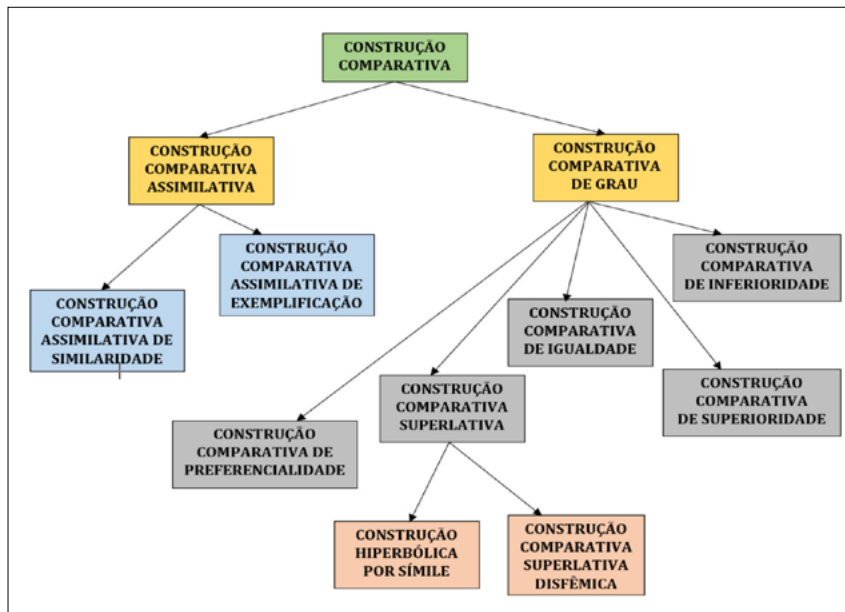
Essa visão por nós apresentada não é unânime. Alguns estudiosos, entre eles Raposo et al. (2013), consideram estruturas como aquelas que apresentamos em (c), (d) e (e) pseudocomparativas. Segundo os autores, por não envolverem comparação de graus, essas estruturas não podem ser inseridas no grupo das construções comparativas. Para eles, uma sentença como “O Paulo fala como Ana” consistiria em uma oração relativa de modo. Por sua vez, uma estrutura como “O Pedro tem um carro igual ao da Ana” envolveria comparação apenas no nível lexical, visto que essa relação faz parte do significado do adjetivo *igual*.

A posição de Raposo et al (2013) pode ser contestada à luz dos estudos da GCBU, visto que, conforme já mostramos, as construções comparativas assimilativas constituem materializações do processo cognitivo de comparação. Desse modo, podemos afirmar, com convicção, que as CCA consistem em estruturas legítimas de comparação.

Nessa perspectiva, Thompson (2019), com base em dados reais de uso do PB, buscou, em sua tese de doutorado, descrever formal e semanticamente as construções comparativas assimilativas, especialmente as instanciadas pelos conectores *tipo* e *igual*, além de propor sua alocação dentro da rede construcional de comparação como estruturas legítimas.

Fundamentando-se no modelo de análise em redes proposto por Diessel (2015), bem como em alguns trabalhos que tiveram como objetivo descrever e analisar diferentes construções comparativas, especialmente Santos (2016, p. 148), Thompson (2019) elaborou um esquema representativo da rede construcional da comparação no PB, explicitada a seguir, e nela alocou a construção comparativa assimilativa como um de seus nódulos.

Esquema 2. Rede construcional de comparação



Fonte: Thompson, 2019, p. 82.

O Esquema 2 mostra o modo como se organizam diferentes construções comparativas dentro da rede e as relações, ora mais próximas, ora mais distantes, que partilham entre si. Por meio desse esquema, percebemos que a construção comparativa, no PB, apresenta duas possibilidades básicas de instanciação: **construção comparativa assimilativa** e **construção comparativa de grau**.

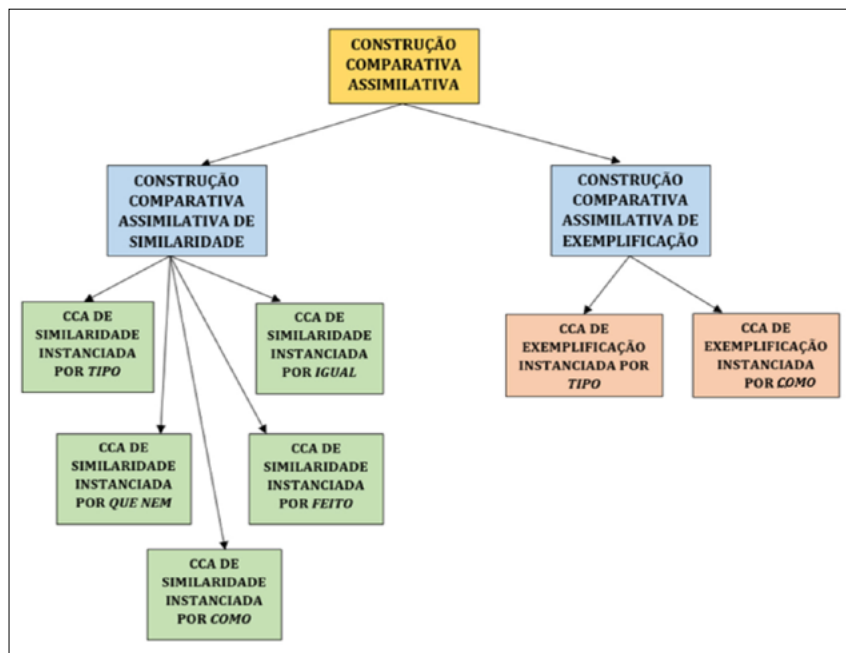
Entendemos como Construção Comparativa Assimilativa (CCA) qualquer pareamento forma-significado que, concretizando-se nos moldes do padrão abstrato [X *conector comparativo assimilativo* Y], apresente a relação de comparação entre duas entidades. A denominação “assimilativa” justifica-se como forma de diferenciar a CCA da Construção Comparativa de Grau (CCG). Como já mencionamos, na CCA, não há a manifestação da correlação entre os elementos conectores; dessa forma, a palavra ou sequência de palavras que funciona como conector é vista como uma unidade (“Suzana comporta-se *igual* uma princesa”; “Leonardo tem pavio curto *que nem* o pai”). Por outro lado, na CCG, a maioria de suas instanciações apresenta elementos conectores correlatos entre si (“Juliana gosta *tanto* de chocolate *quanto* de frutas”).

Cada uma dessas possibilidades, CCA e CCG, apresenta especializações que são ilustradas em níveis mais baixos da rede. Thompson (2019, p.82) propõe, então, que a construção comparativa assimilativa seja vista como um nóculo nessa rede de comparação, evidenciando uma possibilidade de instanciação da relação de comparação no uso linguístico, visto que apresenta requisitos que a fazem ser reconhecida como tal.

As construções comparativas assimilativas instanciadas por *tipo* e *igual*

Em sua tese, Thompson (2019) identificou duas especificações de uso para as CCA, sendo elas **construção comparativa assimilativa de similaridade** e **construção comparativa assimilativa de exemplificação**. O Esquema 3 ilustra a rede construcional de comparação, com foco nas construções do tipo assimilativas. Observemos:

Esquema 3. Rede de construções comparativas assimilativas no PB



Fonte: Thompson, 2019, p.86.

De maneira simplória, podemos dizer que o Esquema 3 apresenta a construção comparativa assimilativa, no nível mais

alto da rede, como o padrão mais abstrato e apresenta como especificações de uso a construção comparativa assimilativa de similaridade e a construção comparativa assimilativa de exemplificação.

A CCA de similaridade licencia diversos padrões formais que podem ser instanciados por conectores diversos – *como, feito, que nem, tipo, igual*, entre outros – resultando em materializações diversificadas. Já a CCA de exemplificação foi representada no Esquema 3 apenas pelas construções instanciadas por *tipo* e *como, que*, comprovadamente, licenciam esse tipo de construção (conferir THOMPSON, 2013; LIMA-HERNANDES, 2005). No entanto, acreditamos que possa haver outras possibilidades de materialização para a referida construção.

Conforme indicado o Esquema 3, os conectores *tipo* e *igual* manifestam-se de forma distinta em relação às duas possibilidades de materialização da CCA. As CCA com interpretação de similaridade apresentam instanciações com ambos conectores. A interpretação de exemplificação, porém, mostra-se fortemente atrelada ao uso do conector *tipo*, somada a restrições de configuração no que tange às entidades em cotejo.

Tomando por base essas possibilidades de interpretação, passemos à descrição do eixo do significado nas CCA instanciadas por *tipo* e *igual*.

O eixo do significado nas CCA instanciadas por *tipo* e *igual*

Para que a descrição do significado das construções em foco fosse possível, recorremos à Semântica de *Frames*, juntamente aos preceitos da GCBU. Com base nos dados coletados, foi possível perceber que os falantes do PB acessam dois *frames* distintos para interpretar as construções comparativas assimilativas com *tipo* e *igual*, sendo eles: o *frame* de SIMILARIDADE e o *frame* de EXEMPLO. O acesso a um ou outro *frame* varia de acordo com atributos específicos dos padrões formais da construção.

O *frame* de SIMILARIDADE¹², conforme descrito pelo projeto FrameNet¹³, pode ser caracterizado da seguinte maneira:

¹² Cf. SIMILARIDADE. In: FRAMENET. [S.l.: s. n.], 2017. Disponível em: <https://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal/home>. Acessado em: 12 jul. 2018.

¹³ Para delimitarmos a estruturação dos *frames* de SIMILARIDADE e de EXEMPLO e aplicarmos aos nossos dados do PB, utilizamos o modelo descrito no projeto FrameNet, que apresenta uma base de dados lexicais para a língua inglesa, disponível no site <https://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal/frameindex>. Acesso em 12 jul. 2018.

Quadro 1. Definição e descrição do frame SIMILARIDADE

Frame SIMILARIDADE

Definição: Duas entidades distintas, que podem ser objetos ou símbolos concretos ou abstratos, são caracterizadas como sendo similares uma a outra. Dependendo das relações figura/fundo, as entidades podem ser expressas por dois elementos de frame (EF) distintos, **Entidade 1** e **Entidade 2**, ou como um único elemento de frame (EF), **Entidades**. A similaridade pode ser baseada na aparência, em propriedades físicas ou outras características das duas entidades. Porém, nenhuma **Dimensão** necessita ser especificada explicitamente. As **Entidades** podem ser iguais em um **Grau** maior ou menor. Em vez de especificar a **Dimensão** da diferença, um **Fato Diferenciador** pode ser mencionado.

Elementos Nucleares:

- **Fato Diferenciador:** Um fato sobre a **Entidade 1** ou sobre as **Entidades** que revela como a **Entidade 1** é similar ou diferente das outras entidades.

Exemplos: Sua presidência foi **DIFERENTE** por oferecer um avanço ao homem comum.

Somos todos **SEMELHANTES** por termos dois braços, duas pernas, uma mente, e um coração para sentir.

- **Dimensão:** Este elemento do frame marca os constituintes que expressam uma propriedade em relação a qual a similaridade das entidades é acessada. Exemplo: O disco anunciado sexta-feira é **fisicamente** **SIMILAR** aos atuais CDs de música.

- **Entidades:** Este elemento do frame marca os constituintes que expressam as entidades que estão em relação de similaridade.

Exemplo: **Os dois pintores** eram **PARECIDOS** por serem incapazes de desenhar aceitavelmente.

- **Entidade 1** (requer **Entidade 2** e exclui **Entidades**): Quando há uma assimetria, a **Entidade 1** é aquela caracterizada por sua similaridade com a **Entidade 2**, cujas características são supostamente conhecidas. **Entidade 1** é, frequentemente, um argumento externo.

Exemplo: **Nossa economia** é **COMO** uma planta saudável depois de um longo período de seca.

- **Entidade 2** (requer **Entidade 1** e exclui **Entidades**): Quando as entidades são expressas separadamente, **Entidade 2** é aquela cujas características são supostamente conhecidas; serve como base para o estabelecimento de características da **Entidade 1**.

Exemplo: Os resultados do Método 2 mostram notável **SEMELHANÇA** com aqueles obtidos por meio do Método 1.

Fonte: Thompson, 2019, p. 93.

De acordo com a descrição para o *frame* SIMILARIDADE disponibilizada pelo projeto FrameNet e traduzida no Quadro 1, a relação de similaridade ocorre entre duas entidades as quais partilham alguma propriedade que funciona como base de acesso para essa relação. Dessa forma, o *frame* evocado no uso das construções comparativas assimilativas de similaridade inclui sempre duas entidades e uma dimensão, que não precisa ser especificada explicitamente na realização linguística.

Partindo das informações contidas no Quadro 1 para o *frame* SIMILARIDADE, comparamos cada elemento de sua descrição com os dados coletados e verificamos que os enunciados de construções comparativas assimilativas em que o primeiro elemento em cotejo – X – se aproxima, em alguma dimensão, do segundo elemento em cotejo – Y – evocam o *frame* em questão. Vejamos alguns casos:

(f) O rosto forte era emoldurado por **[uma bela cabeleira tipo samambaia]**. (SARDINHA; MOREIRA; ALAMBERT, 2010)

(g) Para além disso o movimento é importante, não só para o conhecimento do mundo que a rodeia, mas também para o seu desenvolvimento muscular. **[A criança cega é igual a qualquer outra intelectualmente]**. No início, algumas crianças cegas podem ser mais lentas na execução de certas atividades (...) (DAVIES; FERREIRA, 2006)

No exemplo (f), a construção “uma bela cabeleira tipo samambaia” evoca interpretação de similaridade. Com base na descrição do *frame* de SIMILARIDADE, constatamos que:

- 1) “cabeleira” corresponde à *Entidade 1*, visto que é caracterizada por sua similaridade com a *Entidade 2*, “samambaia”, cujas características são supostamente conhecidas no contexto de produção da construção;
- 2) “samambaia” corresponde à *Entidade 2*, já que suas características são supostamente conhecidas e servem como base para o estabelecimento das características de “uma bela cabeleira”;
- 3) a *Dimensão* da similaridade entre “cabeleira” e “samambaia” é expressa no enunciado por meio do adjetivo “bela” que, apesar de denotar qualidade positiva, no contexto, faz referência à quantidade, ao volume do cabelo.

Com base no exposto, torna-se possível interpretarmos a construção “uma bela cabeleira *tipo* samambaia” como uma **construção comparativa assimilativa de similaridade**, em que a entidade “uma bela cabeleira” se mostra similar à entidade “samambaia” no que diz respeito a seu formato.

No exemplo (g), a construção “A criança cega é *igual a* qualquer outra intelectualmente”, instanciada pelo conector *igual*, também evoca, em seu cotexto e contexto de uso, o *frame* de SIMILARIDADE. Tendo em vista a descrição dos elementos desse *frame*, vejamos como eles se materializam no dado em análise:

- 1) “A criança cega” corresponde à *Entidade 1*, já que é caracterizada por sua similaridade com a *Entidade 2*, “qualquer outra (criança)”, cujas características são supostamente conhecidas no contexto de produção do enunciado;
- 2) “qualquer outra (criança)” corresponde à *Entidade 2*, dado que suas características são supostamente conhecidas e servem como base para o estabelecimento das características de “a criança cega”;
- 3) a *Dimensão* da similaridade entre “a criança cega” e “qualquer outra” aparece materializada no enunciado por meio do adjunto adverbial “intelectualmente”, o que nos faz compreender que as entidades em cotejo se assemelham na *Dimensão* intelectual.

Conforme já mencionamos anteriormente, as construções comparativas assimilativas podem evocar, também, o *frame* de EXEMPLO. Vejamos a descrição para esse *frame*, presente na plataforma do projeto FrameNet:

Quadro 2. Definição e descrição do *frame* EXEMPLO

Frame EXEMPLO

Definição: Este *frame* trata dos nomes transparentes¹⁴ que denotam **Exemplos** de **Tipos** de entidades ou eventos.

Elementos Nucleares:

- **Exemplo:** Uma coisa ou episódio de certo **Tipo**.
- **Tipo:** A categoria da coisa ou evento da qual um **Exemplo** é escolhido.

Exemplo: Coletei dois **EXEMPLARES** **dessas espécies raras**.

Fonte: Thompson, 2019, p. 97.

O Quadro 2 mostra que, para haver a relação de exemplificação, é necessário que nomes representativos de entidades ou eventos constituam exemplo de uma determinada categoria. Sendo assim, as entidades envolvidas nessa construção precisam partilhar uma relação de categoria-membro.

Com base na descrição do *frame* de EXEMPLO e no que verificamos por meio dos dados, averiguamos que evocam a interpretação de exemplificação as construções comparativas assimilativas com *tipo* em que os elementos em cotejo partilham relação de hiperonímia. Tal configuração se reflete diretamente na interpretação semântica da construção, visto que o *frame* acessado prevê a exemplificação de uma entidade que esteja situada dentro de uma categoria. Observemos o dado a seguir:

(h) Eu fui convidada para uma festa de 15 anos, em clima havaiano, mas não sei o que usar e também não quero mostrar a barriga, o que devo usar? Obrigada! Resposta: Uma boa opção é **[um vestido tipo sarongue]** que é um modelo com um ombro só amarrado com um nó. A estampa de flores gigantes e barra assimétrica (corte diagonal) dão o toque havaiano. (DAVIES; FERREIRA, 2006)

Em (h), a construção “um vestido *tipo* sarongue” evoca o *frame* de EXEMPLO para sua interpretação. Tendo por base a descrição apresentada na plataforma do projeto FrameNet para esse *frame*, é possível afirmar que:

- 1) “vestido” consiste no elemento **Tipo** do *frame*, representando a categoria da qual o **Exemplo** é escolhido;
- 2) “sarongue” constitui o elemento **Exemplo**, referindo-se a um tipo específico de vestido.

¹⁴ De acordo com o glossário disponibilizado na página do Projeto FrameNet, nome transparente é aquele que ocorre na primeira posição em uma construção do tipo “nome+de+nome”, indicando tipo, medida, grupo etc, que é “transparente” para os requerimentos de seleção ou colocação no contexto, como em “tipo de cabelo”.

No caso de (h), o próprio cotexto corrobora a interpretação por nós sugerida, já que uma oração adjetiva – “que é um modelo com um ombro só amarrado com um nó” – sucede o sintagma nominal “sarongue”, especificando seu significado e deixando claro que se trata, efetivamente, de um tipo de vestido, o que caracteriza uma relação de hiperonímia. Acreditamos que o próprio conector *tipo*, que tem sua origem na classe dos substantivos, propicie essa interpretação, já que seu uso como substantivo com semântica de “espécie”, “modelo” é bastante frequente na língua portuguesa e é caracterizado por essa relação de categoria-membro entre os elementos envolvidos no enunciado (conferir THOMPSON, 2013), como nas sentenças “Sardinha é um tipo de peixe” ou “Sarongue é um tipo de vestido”.

Sendo assim, podemos interpretar a construção “um vestido *tipo* sarongue” como uma **construção comparativa assimilativa de exemplificação**, em que “sarongue” ilustra, exemplifica a noção de “vestido” concebida pelo interlocutor.

Conforme definimos anteriormente, comparar consiste em relacionar dois eventos – sendo um deles o padrão e outro, o alvo da comparação – em busca de discrepâncias. Tais propriedades mostram-se presentes tanto na relação de similaridade quanto na relação de exemplificação. Nos casos das construções comparativas assimilativas com interpretação de similaridade, há duas entidades – entidade 1 e entidade 2 – que são colocadas uma em relação a outra por existir alguma correspondência local entre elas. Já nas construções que evocam interpretação de exemplificação, há duas entidades sendo colocadas em cotejo para a verificação da correspondência de propriedades da entidade 2 com os requisitos próprios de uma categoria, representada pela entidade 1.

Dessa forma, só é possível verificarmos se duas entidades são similares ou se uma se constitui como membro da categoria representada pela outra se as relacionarmos, ou seja, se as compararmos. Portanto, torna-se coerente afirmar que tanto a similaridade quanto a exemplificação, nos casos por nós analisados, consistem em especificações, extensões do processo de comparação.

O eixo formal das CCA instanciadas por *tipo* e *igual*

No âmbito da forma, as construções comparativas assimilativas apresentam-se nos moldes da configuração abstrata [X *conector comparativo assimilativo* Y], em que X consiste no primeiro elemento da comparação, Y, o segundo, e o conector comparativo constitui-se de qualquer palavra ou sequência de palavras que assumam função de ligar elementos e marcar a relação de comparação entre eles.

Essa configuração abstrata pode materializar-se de diversas formas em um nível mais baixo da rede de construções comparativas assimilativas. Desse modo, X e Y, os elementos em cotejo, podem ser concretizados por meio de nomes, sintagmas nominais, sintagmas oracionais e, até mesmo, porções textuais maiores.

Neste trabalho, como já dissemos, restringimo-nos a abordar as CCA instanciadas pelos conectores *tipo* e *igual*. Os dados coletados por Thompson (2019) mostraram que ambos os padrões construcionais podem se concretizar no uso real da língua em três níveis sintáticos distintos: o sintagmático, o sentencial e o intersentencial.

No nível do sintagma, as CCA configuram-se em moldes do tipo [X *tipo* Y]_{SN} e [X *igual* (a) Y]_{SN'}, em que X e Y apresentam materializações diversas; no entanto, a construção como um todo equivale a um sintagma nominal (SN) e assume, na sentença em que se materializa, funções sintáticas distintas, como sujeito, complemento verbal, complemento nominal etc. No nível sentencial, as construções em foco apresentam configurações do tipo [X *tipo* Y]_{sentença} e [X *igual* (a) Y]_{sentença'} em que X e Y consistem em constituintes de uma sentença simples. Nesse caso, cada elemento da construção exercerá, na sentença em que aparece, uma função sintática distinta. Por fim, no nível intersentencial, há construções organizadas nos moldes de tipo [X *tipo* Y]_{PC} e [X *igual* (a) Y]_{PC'}, em que X e Y se materializam por meio de sintagmas oracionais simples ou complexos, configurando uma relação comparativa entre sentenças, ou seja, no âmbito do período composto (PC). Vejamos os exemplos a seguir:

- (i) Dessa idade em diante, [o comedouro *tipo* bandeja] foi gradativamente substituído por um comedouro tubular. (SARDINHA; MOREIRA FILHO; ALAMBERT, 2010)

(j) [**Futebol é igual a sexo**]: não importa o tamanho da goleada e sim o prazer que um zero a zero proporciona. (SARDINHA; MOREIRA FILHO; ALAMBERT, 2010)

(k) Auto-alienação ou alienação do trabalhador em relação ao seu trabalho, onde mais uma vez o trabalho torna-se algo estranho ao trabalhador e por conseqüência, este trabalhador vê-se forçado a fazê-lo, somente com o intuito de satisfazer suas necessidades, não tendo para com esse trabalho nenhum sentimento de prazer e realização, e daí surge o fenômeno do absentismo, [**o trabalhador foge do trabalho igual o diabo foge da cruz**]. (sic) (DAVIES; FERREIRA, 2006)

Em (i), há uma CCA em que se cotejam as entidades “comedouro” e “bandeja”. A construção [o comedouro *tipo* bandeja], como um todo, equivale a um SN e funciona, na sentença em que se apresenta, como sujeito.

O exemplo (j) apresenta uma CCA no nível sentencial, em que se comparam as entidades “futebol” e “sexo”. Essas entidades representam constituintes da oração; “futebol”, primeiro membro da comparação, funciona como sujeito, enquanto “sexo”, equivalente ao segundo membro da comparação, funciona como predicativo do sujeito.

Por sua vez, em (k), há a comparação entre dois eventos, representados formalmente por meio de sintagmas oracionais. Comparam-se o evento “o trabalhador foge do trabalho” e o evento “o diabo foge da cruz”. Por termos a relação entre dois sintagmas oracionais, ligados por meio de um conector — nesse caso, o item *igual* —, podemos identificar o processo de comparação ocorrendo no âmbito intersentencial.

Além de as construções analisadas neste trabalho envolverem o processo de comparação e, portanto, apresentarem seus elementos básicos (entidade 1 e entidade 2 em relação de verificação de discrepâncias), elas atendem a restrições de uso de acordo com os *frames* que evocam no âmbito do significado. Dessa forma, a depender do tipo de CCA, de similaridade ou de exemplificação, identificaremos, no eixo formal, diferentes elementos do *frame* (EF) sendo materializados nos enunciados.

Levando em consideração os *frames* de SIMILARIDADE e de EXEMPLO, evocados pelas CCA com *tipo* e *igual*, foi possível chegarmos a alguns padrões construcionais gerais os quais permitem a realização de diversas configurações formais no uso da língua. Para as construções de similaridade, atestamos os seguintes arranjos:

Esquema 4. Configuração geral das construções comparativas assimilativas de similaridade

CONSTRUÇÃO COMPARATIVA ASSIMILATIVA DE SIMILARIDADE	
$(X^{SN,SO_r})_{entidade\ 1}$	(Verbo) $(Z^{SAdj,SPrep})_{dimensão}$ tipo $[Y^{SN,SO_r}]_{entidade\ 2}$
$(X^{SN,SO_r})_{entidade\ 1}$	(Verbo) $(Z^{SAdj,SPrep})_{dimensão}$ igual (a) $[Y^{SN,SO_r}]_{entidade\ 2}$

Fonte: Thompson, 2019, p. 104.

No Esquema 4, apresentamos a configuração geral das construções comparativas assimilativas de similaridade. Por evocarem o *frame* de SIMILARIDADE, essas construções apresentam como seus elementos constituintes duas entidades (entidade 1 e entidade 2) que se assemelham no que tange a uma determinada dimensão. As entidades em cotejo podem ser materializadas por meio de sintagmas nominais ou sintagmas oracionais. A dimensão na qual a comparação se baseia se materializa por meio de sintagmas adjetivais ou sintagmas preposicionados. Além desses elementos do *frame*, é possível aparecer um verbo relacionando as entidades comparadas em nível sentencial na materialização desse tipo de construção. Os elementos construcionais que foram colocados entre parênteses no esquema não são materializados em todas as instâncias identificadas, o que nos leva a diferentes configurações formais no nível do uso. Observemos alguns exemplos de materializações possíveis para essa configuração geral:

(l) Aconteceu comigo isso também.. comecei a escrever com **[letra feia tipo rascunho]** mesmo e como ja tinha escrito muitas linhas tive que aproveitar. Depois foi tenso continuar a prova.. comecei a tremer. *affe (sic)* (DAVIES; FERREIRA, 2006)

(m) Que roupa você usa pra cair na night? a Capricha na produção e usa um vestidinho bem sexy. b Carrega no make e prefere um estilo de roupa mais rebelde. c **[Vai tipo mulher fatal]**, com decote ou short. d Aparece bem arrumada, mas com uma roupa confortável. (DAVIES; FERREIRA, 2006)

(n) eu era cabo em 1987 e ganhava salario mínimo, tínhamos garra e amor pela profissão. Hoje? Nao estão nem aí para a PM e nem pela sociedade, só querem vantagens, vantagens e vantagens. **[Vou falar igual falavam com nós antigamente];** “« ta ruim? da baixa! “ Vai trabalhar na FIAT! *(sic)* (DAVIES; FERREIRA, 2006)

Em (l), há uma CCA de similaridade em que a entidade “letra” é posta em cotejo com a entidade “(letra de) rascunho”, ambas explícitas no enunciado. A dimensão na qual a similaridade entre as entidades se baseia também é explicitada na materialização da construção por meio do SAdj “feia”. Ao analisarmos o enunciado em questão, percebemos que o locutor compara a letra feita por ele na prova com aquela geralmente utilizada em rascunhos. Nesse contexto, elas se assemelham no quesito “beleza”. Assim, o arranjo formal dessa construção é:

Esquema 5. Arranjo formal da construção “letra feia *tipo* rascunho”

$(X^{SN})_{\text{entidade 1}}$	$(Z^{SAdj})_{\text{dimensão}}$	<i>tipo</i>	$[Y^{SN}]_{\text{entidade 2}}$
letra	feia	<i>tipo</i>	rascunho

Fonte: elaboração própria.

No enunciado apresentado em (m), o primeiro elemento da comparação de similaridade encontra-se elíptico, mas pode ser recuperado cotextualmente – (Você) vai *tipo* mulher fatal. O segundo elemento da comparação é representado pelo sintagma nominal “mulher fatal”. Quanto à propriedade partilhada entre os elementos em cotejo, ela não aparece materializada dentro da construção, mas é indicada por meio de um sintagma preposicionado com função de aposto. Podemos inferir, com base no cotexto, que a comparação se dá no âmbito do modo como uma “mulher fatal” se veste. O trecho “com decote ou short”, apresentado logo após a construção comparativa em análise, detalha, especifica, exemplifica o modo como uma mulher fatal se veste, reforçando a comparação construída entre o interlocutor e uma mulher fatal e explicitando a propriedade supostamente partilhada pelos elementos em cotejo. Observemos a configuração formal dessa construção:

Esquema 6. Arranjo formal da construção “Vai *tipo* mulher fatal”

(Verbo)	<i>tipo</i>	$[Y^{SN}]_{\text{entidade 2}}$
Vai	<i>tipo</i>	mulher fatal

Fonte: elaboração própria.

No exemplo (n), temos uma comparação assimilativa de similaridade em que se colocam em cotejo os eventos “vou falar” e “falavam com nós antigamente” (*sic*). Nesse tipo de construção em que há comparação entre eventos que representam uma mesma ação, a dimensão em que se baseia a relação de similaridade é o modo de execução dessa ação. Vejamos, no esquema a seguir, o arranjo formal da construção em foco:

Esquema 7. Arranjo formal da construção “Vou falar *igual* falavam com nós antigamente”

$(X^{SO_r})_{entidade\ 1}$	<i>igual (a)</i>	$[Y^{SO_r}]_{entidade\ 2}$
vou falar	<i>igual</i>	falavam com nós antigamente (<i>sic</i>)

Fonte: elaboração própria.

No que tange às construções com interpretação de exemplo, identificamos o arranjo a seguir, que permite diversas configurações no nível concreto de instanciação:

Esquema 8. Configuração geral das construções comparativas assimilativas de exemplificação

CONSTRUÇÃO COMPARATIVA ASSIMILATIVA DE EXEMPLIFICAÇÃO	
$[X^{SN,SO_r}]_{tipo}$	<i>tipo</i> $[Y^{SN,SO_r}]_{exemplo}$

Fonte: Thompson, 2019, p. 104.

O Esquema 8 ilustra a organização estrutural das construções comparativas assimilativas que evocam o *frame* de EXEMPLO. Dessa forma, temos uma entidade, representada no esquema por Y, que se constitui como exemplo de uma categoria, que se encontra representada no esquema por X. As entidades em cotejo podem se materializar por meio de sintagmas nominais ou sintagmas oracionais. Diferentemente do que ocorre com as construções do tipo similaridade, as CCA de exemplificação apresentaram, nos dados por nós analisados, todos os elementos do *frame* materializados nos enunciados.

Vejamos alguns exemplos de concretizações possíveis a partir dessa configuração geral:

(o) O acidente aconteceu por volta das 21h. A moto acabou se chocando [**um caminhão tipo caçamba com placa de Acopiara-Ce**]. Lamentamos a morte do João Lero como era conhecido popularmente, e da Dona Maria. (sic) (DAVIES; FERREIRA, 2006)

(p) trocar só porque não tem uma ou duas funções, e tem alguns megapixel's a mais, não vale a pena pagar mais caro, as vezes podemos fazer na edição por exemplo. E cuidado pra não [**ficar no "mais do mesmo" tipo trocar uma compacta por uma superzoom ou com corpo mais robusto e imponente**], e na verdade você só trocou de modelo pois a sua antiga fazia "a mesma coisa"(...) (sic) (DAVIES; FERREIRA, 2006)

Em (o), há a comparação assimilativa de exemplificação entre dois elementos materializados em forma de sintagma nominal, sendo eles "um caminhão" e "caçamba". Nesse dado, "caçamba" consiste em um exemplo da categoria "caminhão", ou seja, caçamba é um tipo de caminhão. O esquema a seguir explicita o arranjo formal dessa construção:

Esquema 9. Arranjo formal da construção "um caminhão *tipo* caçamba"

$[X^{SN}]_{\text{tipo}}$	<i>tipo</i>	$[Y^{SN}]_{\text{exemplo}}$
um caminhão	<i>tipo</i>	caçamba

Fonte: elaboração própria.

Em (p), estamos diante de uma CCA de exemplificação em que o evento 2 – "trocar uma compacta por uma *superzoom* ou com corpo mais robusto e imponente" – consiste em um membro da categoria representada pelo evento 1 – "ficar 'no mais do mesmo'". Vejamos a configuração da ocorrência em análise:

Esquema 10. Arranjo formal da construção “ficar no mais do mesmo tipo trocar uma compacta por uma *superzoom* ou com corpo mais robusto e imponente”

$[X^{SO_r}]_{\text{tipo}}$	<i>tipo</i>	$[Y^{SO_r}]_{\text{exemplo}}$
ficar no mais do mesmo	<i>tipo</i>	trocar uma compacta por uma <i>superzoom</i> ou com corpo mais robusto e imponente

Fonte: elaboração própria.

Os arranjos formais anteriormente descritos nos permitem compreender que tanto as CCA de similaridade quanto as de exemplificação podem apresentar configurações diversas em suas materializações linguísticas contanto que os elementos inseridos nos *slots* cumpram com as restrições daquela categoria. Essas possibilidades de configuração nos ajudam a comprovar a hipótese de que as construções comparativas assimilativas podem se manifestar nos diversos níveis sintáticos da língua.

Isso reforça a nossa ideia inicial de que essas construções comparativas assimilativas apresentam possibilidades de uso que vão muito além daquilo que os compêndios gramaticais em geral costumam apresentar. Na maioria das vezes, estruturas equivalentes ao que definimos como CCA são elencadas no rol das orações subordinadas comparativas, ou seja, no âmbito do período composto, sem que haja reconhecimento de suas manifestações no âmbito do sintagma nominal ou do sintagma oracional simples.

Por fim, reforçamos que esses usos variados das construções comparativas assimilativas por nós descritos refletem as possibilidades de aplicação do processo cognitivo da comparação, armazenadas na mente dos falantes. Desse modo, acreditamos que nossa análise esteja contribuindo para uma descrição efetiva e eficiente da língua em uso.

Considerações finais

Por meio deste artigo, buscamos comprovar que as construções comparativas assimilativas são materializações linguísticas legítimas do processo cognitivo da comparação

e que, para isso, preenchem os requisitos básicos necessários para sua aplicação. Assim, com base nos preceitos de Langacker (1987), podemos afirmar que se trata de uma construção de comparação qualquer estrutura que apresentar uma entidade que sirva como padrão da comparação (X), uma entidade que constitua o alvo da comparação (Y) e a operação de verificação de correspondência, materializada por meio de um conector comparativo.

Considerando-se esse preceito, foi possível evidenciar, por meio de dados concretos de uso do PB, que a relação de comparação se dá por meio de possibilidades linguísticas diversas que vão muito além daquelas costumeiramente apresentadas ao se abordar essa temática nos estudos mais tradicionais e, por vezes, também, em estudos de cunho mais científico. De maneira mais geral, pudemos mostrar que há duas possibilidades básicas de manifestação linguística do processo de comparação no PB: construção comparativa assimilativa e construção comparativa de grau.

No que tange à construção comparativa assimilativa, foco deste trabalho, atestamos que podem se materializar sintaticamente no nível do sintagma nominal, no nível sentencial e no nível intersentencial por meio de configurações diversas. No âmbito semântico, essas estruturas podem evocar duas interpretações, a depender de seu arranjo formal: comparação de similaridade ou comparação de exemplificação.

Esperamos que a descrição e discussão aqui levantadas tenham contribuído para um melhor entendimento do real uso das construções comparativas assimilativas no PB. Mais ainda, desejamos, por meio deste artigo, abrir caminho para novos estudos acerca das construções comparativas em geral que, apesar de parecerem mais do que conhecidas, apresentam, ainda, muitas lacunas em sua descrição.

REFERÊNCIAS

SARDINHA, T. B.; MOREIRA FILHO, J. L.; ALAMBERT, E. *Corpus Brasileiro*. São Paulo: CEPRIL, LAEL, CNPq, Fapesp, PUCSP. 2010. Disponível em: <http://corpusbrasileiro.pucsp.br/cb/Acesso.html>. Acesso em 12 de agosto de 2020.

BYBEE, J. Usage-based theory and exemplar representation of constructions. In.: HOFFMAN, T.; TROUSDALE, G. (Eds.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: University Press, 2013.

_____. *Language, usage and cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português: web/dialects*. [S. l.: s. n.], 2006. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/>. Acesso em: 20 de agosto de 2020.

DIESSEL, H. Usage-based construction grammar. In.: DABROWSKA, E.; DIVJAK, D. *Handbook of cognitive linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015.

FRAMENET. [S.l.: s. n.], 2017. [S.l.: s. n.], 2017. Disponível em: <https://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal/home>. Acesso em: 12 de agosto de 2020.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar*. California: Stanford University Press, 1987.

_____. A usage-based model. In.: LANGACKER, R. *Concept, image and symbol: the cognitive basis of grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1991.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. *A interface sociolinguística/gramaticalização: estratificação de usos de tipo, feito, igual e como*. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva et al. *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

RASO, T; MELLO, H. (Org.) *C-ORAL-BRASIL: Corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. Disponível em: <https://www.linguateca.pt/aceso/corpus.php?corpus=CORALBRASIL>. Acesso em 12 de agosto de 2020.

RODRIGUES, V. V. *Construções comparativas: estruturas oracionais?* Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2001. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa.

SANTOS, Silvio César. *Antes tarde do que nunca: analisando a construção comparativa de preferencialidade*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas, Língua Portuguesa). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

THOMPSON, H. V. G. *Do léxico à gramática: os diferentes usos de “tipo”*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas, Língua Portuguesa). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

_____. *Construções comparativas assimilativas com “tipo” e “igual”: uma abordagem baseada no uso*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas, Língua Portuguesa). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

Abstract

Assimilative comparative clauses with “tipo” and “igual” in the light of usage-based construction grammar

This study aims at describing and analyzing one of the possibilities of materialization of the cognitive process of comparison: the assimilative comparative construction, especially when presenting the connectors tipo and igual, in Brazilian Portuguese. The theoretical approach applied to this study finds support on the Usage-Based Construction Grammar (GOLDBERG, 1995, 2006; DIESSEL, 2015), which defends the idea that language use experience affects cognitive representations. To describe the semantic meanings of comparative constructions, we also appealed to Frame Semantics. As data source, we made use of three linguistic corpora: Corpus Oral Brasil, Corpus Brasileiro and Corpus do Português. Our analysis showed that assimilative comparative constructions materialized with tipo and igual truly are cases of comparison process materialization. Besides, such constructions may occur on syntagmatic, sentential and intersentential levels, which contradicts what traditional grammatical studies usually support.

Keywords: Assimilative comparative constructions. Tipo. Igual. Usage-Based Construction Grammar.